

---

OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004

---

A inexistência, no meio universitário brasileiro, de condições realmente favoráveis à ampla divulgação de textos de cultura consagrados pelo gosto dos leitores e dos críticos justifica a necessidade da atuação de editoras privadas nesse âmbito: longe estamos do que se dá nos chamados países de primeiro mundo, onde a produção acadêmica consagrada de edições sérias e econômicas dos clássicos facilita ao público ter acesso às obras, sem, em absoluto, comprometimento da qualidade.

Diante desse quadro, é sempre com curiosidade que os estudiosos brasileiros da Antigüidade vêem surgir no mercado edições populares (de ampla divulgação no comércio livreiro e custos convidativos) de obras greco-latinas em novas traduções. Afinal, a receptividade do público a certas obras antigas (como o comprova a recente revivescência do interesse por um texto como *As vidas dos doze Césares*, de Suetônio) e a existência de uma espécie de “vazio” editorial a ser preenchido fazem com que fiquemos na esperança da produção de bons livros.

Imbuídos, portanto, desse espírito receptivo, dispusemo-nos a examinar a tradução preparada pela editora

Martin Claret para a *Ars amatoria* de Ovídio, poeta que sem dúvida se enquadra nas circunstâncias a que nos referimos há pouco: a leveza dos temas por ele abordados em sua poesia erótica, bem como o caráter supostamente pedagógico de seus preceitos galantes na obra citada, tornam-no um típico exemplo de autor cuja capacidade de agrandar e estimular o público contemporâneo não se esgotou.

Apesar de todo o potencial de sucesso associável à iniciativa de divulgá-lo entre nós numa edição popular, observamos com desalento que a tradução da *Ars* a que nos referimos deixa a desejar para o pleno coroamento dessa iniciativa justamente por comprometer a qualidade intelectual do resultado.

Assim, já na introdução teórica que precede essa tradução encontramos juízos prejudiciais à compreensão das especificidades da poesia antiga:

Ovídio foi um grande amoroso (*sic*), como ele próprio confessa, “Tantus amator ego” (“Arte de amar”, II). Um Don Juan sob o império de Augusto. Amou todas as mulheres que pôde. A Corina do vate de Sulmona é um símbolo; representa todas as mulheres que de alguma maneira entraram em sua vida. O poeta confessamos que amava todas as mulheres, altas ou baixas, louras ou morenas, esbeltas ou opulentas, instruídas ou ignorantes, contan-

to que fossem belas e que não tivessem ultrapassado o sétimo lustro de vida, isto é, a idade de 35 a 40 anos, que no seu entender era a época em que a mulher atingia a sua maturidade plena e o mais alto grau da ciência amorosa.<sup>1</sup>

De um modo jamais autorizado pelo texto da *Ars*, o ensaísta, num equívoco interpretativo bastante comum, vincula de imediato a *persona* do *magister* didático (elemento *interno* à ficcionalidade dos poemas do gênero) à pessoa histórica de Ovídio. Ora, sabemos que as iniciativas “confessionais” dos poetas didáticos, muitas vezes relacionadas à declaração de sua íntima experiência no contato com os temas de que se ocupam como “professores”, são apenas mais um dos recursos de escrita mobilizados no gênero para dar a ilusão do estabelecimento de uma situação de “aula”<sup>2</sup>

Por outro lado, avisados pela própria palavra dos poetas antigos, devemos ser cautelosos em relação a qualquer assimilação estrita de sua vida à sua obra.<sup>3</sup> Por que, assim, desconsiderar o inegável papel do ilusionismo num texto tão erudito e carregado de ecos poéticos quanto a *Ars*?

Passando ao exame do texto traduzido propriamente dito, logo no prólogo se oferecem aos olhos do leitor falhas de ordem variada:

Se alguém deste povo desconhece a arte de amar, que leia este poema e, uma vez por ele instruído, ame. É com arte que se manejam a vela e os remos que faz (*sic*) com que os barcos naveguem céleres; é a arte que permite aos carros correrem velozes; e a arte deve governar o Amor. Automedonte era exímio no manejo dos carros e das flexíveis rédeas; Tífis pilotava o navio da Hemônia. A mim, Vênus confiou a mestria do jovem Amor; serei pois nomeado de Tífis e Automedonte do Amor (*sic*).<sup>4</sup>

Além da redação descuidada, trágica pelo erro de concordância verbal assinalado, pela incompreensibilidade da parte final do parágrafo e pela escolha lexical no mínimo equivocada da palavra “mestria” (por ensinamento, formação), o cotejo com o original latino revela outros problemas: assim, o terceiro verso do poema dizia, literalmente, que “pela arte as rápidas naus com vela e remo são movidas”, sem, em absoluto, fazer de “vela” e “remo” sujeitos de quaisquer verbos. Por outro lado, a expressão *currus* (“carro de corrida”) do verso seguinte, a que cabia o papel de sujeito do verbo *mouetur* (implícito), surge na tradução portuguesa acompanhada de ociosa prolixidade e *uariatio* [“é a arte que permite aos carros correrem velozes” por (*mouetur*) *arte levis currus* – “(é movido) pela arte o leve carro”].

Um outro exemplo do que nos parece corresponder à adoção de soluções nem sempre felizes para verter o latim diz respeito ao que encontramos na seguinte passagem:

A filha de Creta errava, perdida  
(sic), por praias desconhecidas  
da pequena ilha de Dia, batida  
pelas ondas;<sup>5</sup>

Logo de início, mostra-se ao leitor atento e conhecedor do original ovidiano que o epíteto “a filha de Creta” não corresponde a algo recomendável para traduzir a brevidade e a maior especificidade da expressão empregada pelo poeta latino (I 525: *Gnosis*, “a gnossíade” ou “natural de Cnossos”, a capital de Creta). Além disso, a poeticidade da expressão latina *aequoreis (...)* *feritur aquis* [“pelas equóreas (...) águas é golpeada”] dissolve-se na crua banalidade de “batida pelas ondas”.

Há que se dizer ainda que os frequentes equívocos e as soluções bastante interpretativas (isto é, distanciadas da letra do texto ovidiano) adotadas pelo tradutor da edição brasileira nos fazem pensar no uso de uma tradução anterior como sua verdadeira e única fonte. O cotejo com uma conhecida tradução francesa da *Ars*, por sinal, acaba por revelar curiosas semelhanças (ou divergências) entre ela e o texto português que se nos oferece...<sup>6</sup>

Comentemos, por fim, certos descuidos de revisão e as notas explica-

tivas adicionadas ao texto. No primeiro ponto, parece incoerente a manutenção da grafia arcaizante “o filho de Philira” ao mencionar-se Quíron.<sup>7</sup> Além disso, citando mais dois exemplos dentre outros encontrados, obviamente não se justifica a grafia “Áscra”<sup>8</sup> para designar a pátria de Hesíodo e a divergência textual entre certo trecho traduzido do primeiro livro da *Ars* e a entrada da nota de número dezenove, a ele correspondente, evidencia a falta de cautela.<sup>9</sup>

Quanto às notas, observa-se por vezes que se prestam imprecisamente ao esclarecimento do texto (como no caso da que explica a menção ao Leão de Neméia em *Ars* I 68 tão somente lembrando tratar-se da fera abatida por Hércules num de seus famosos trabalhos, sem indicação de que há, no contexto ovidiano, uma referência temporal à entrada do sol na constelação do Leão em 23 de julho)<sup>10</sup> ou mesmo pecam pelos erros:

Tigre-rio das planícies da *Ásia Menor* (grifo nosso), que junto com o Eufrates delimita a região da Mesopotâmia.<sup>11</sup>

Os exemplos apresentados, embora não se tenham pretendido exaustivos, permitem notar a necessidade de mais rigor e critério como princípios a regerem a tradução comentada em vários de seus planos de elaboração. Proceder de outro modo, parece-nos, significa distorcer perigosamente os senti-

dos da obra ovidiana e de sua inserção na cultura antiga, em evidente prejuízo para a formação de nossos leitores.

### NOTAS

- 1 Cf. “Perfil biográfico” in Ovídio. *A arte de amar*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 14.
- 2 Cf. Virgílio, *Geórgicas* IV 125-127: *Namque sub Oebaliae memini me turribus arcis,/ qua niger umectat flauentia culta Galaesus,/ Corycium uidisse senem, (...) - “Lembro-me, com efeito, sob as torres da cidadela de Ebália,/ onde o negro Galeso molha louros campos,/ de ter visto um velho corício, (...)”*.
- 3 Cf. poema XVI 5-13 de Catulo, na tradução de J. A. Oliva Neto (Catulo. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996, p. 80): *A um poeta pio convém ser casto/ ele mesmo, aos seus versos não há lei./ Estes só têm sabor e graça quando/ são delicados, sem nenhum pudor,/ e quando incitam o que excite não/ digo os meninos, mas esses peludos/ que joga de cintura já não têm./ E vós, que muitos beijos (aos milhares)/ já lestes, me julgais não ser viril?*
- 4 Cf. edição Martin Claret da *Ars amatoria* de Ovídio, p. 23.
- 5 Cf. edição Martin Claret da *Ars amatoria* de Ovídio, p. 44.
- 6 Cf. Ovide. *L'art d'aimer*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: “Les Belles Lettres”, 1929, p. 2/22: I 3-4. *C'est l'art avec lequel la voile et la rame sont maniées qui permet aux vaisseaux de voguer rapidement, l'art qui permet aux chars de courir légèrement: l'art doit gouverner l'Amour./ I 525-526. L'enfant de Gnose errait éperdue sur des plages inconnues, à l'endroit où la petite Dia est battue des flots de la mer.*
- 7 Cf. edição Martin Claret da *Ars amatoria* de Ovídio, p. 23.
- 8 Cf. edição Martin Claret da *Ars amatoria* de Ovídio, p. 24.
- 9 Cf. edição Martin Claret da *Ars amatoria* de Ovídio, p. 25: “e o céu está repleto de estrelas,” - “há no céu - expressão usada (onde?) para indicar grande número.”
- 10 Cf. nota de número 23 ao primeiro livro da *Ars* na tradução da obra publicada pela Martin Claret, p. 26.
- 11 Cf. nota de número 61 ao primeiro livro da *Ars* na tradução da obra publicada pela Martin Claret, p. 32.

MATHEUS TREVIZAM

Faculdade de Letras

Universidade Federal de Minas Gerais